

Complexidades Identitárias Em Santa Catarina: Delimitações e Apontamentos Preliminares Sobre Futebol e Imprensa Em Joinville¹

Matheus Simões MELLO²

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC
Associação Educacional Bom Jesus/Ielusc, Joinville, SC

Resumo

Nos últimos anos, o futebol de Santa Catarina vem logrando resultados significativos. O sucesso das cinco principais agremiações catarinenses possibilitou o crescimento de todos os setores que tangem o futebol, cenário no qual a imprensa está inserida. Sendo assim, este artigo tem o intuito de expor as delimitações metodológicas de minha pesquisa doutoral – “Complexidades identitárias em Santa Catarina: análise da representação de times catarinenses na mídia esportiva impressa local e nacional” – e, em seguida, tecer alguns apontamentos sobre as relações entre futebol e jornalismo esportivo na cidade de Joinville. Para tanto, analisamos um exemplar do jornal *A Notícia*, referente à cobertura da conquista do título da Série B 2014 pelo Joinville Esporte Clube.

Palavras-chave: comunicação especializada; jornalismo esportivo; identidade; narrativa; Joinville.

Ao longo de sua história, Santa Catarina foi permeada por uma vasta quantidade de culturas e tradições, o que torna impossível reunir todas as características dos catarinenses em uma única representação. Tal questão fica bastante evidente no futebol, modalidade na qual as principais agremiações catarinenses protagonizaram/protagonizam confrontos dentro e fora de campo. A vista disso, este artigo tem como objetivo expor as delimitações de minha proposta de pesquisa de Doutorado, intitulada “Complexidades identitárias em Santa Catarina: análise da narrativa de times catarinenses na mídia esportiva impressa local e nacional”; que tem como objetivo principal analisar de que maneira os principais jornais de Chapecó, Criciúma, Florianópolis e Joinville analisam os cinco principais escudos catarinenses – Avaí, Chapecoense, Criciúma, Figueirense e Joinville. Além disso, buscamos tecer alguns apontamentos preliminares sobre a relação entre imprensa esportiva e futebol

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando e Mestre em Jornalismo pela UFSC; professor colaborador do curso de Jornalismo do Ielusc. Email: senso_de_humor@hotmail.com.

na mais populosa cidade catarinense – o município de Joinville –, que, como será abordado, integra o corpus da investigação supracitada.

Em um primeiro momento, esboçamos uma breve reflexão teórica acerca das questões identitárias no futebol e a posição da imprensa esportiva nessa relação. Em seguida, evidenciam-se as delimitações do referido projeto de pesquisa, dando ênfase ao objeto empírico e aos procedimentos metodológicos. Por fim, debruçamo-nos na relação entre futebol e imprensa esportiva em Joinville. Para tanto, analisamos a edição do dia 1º de dezembro de 2014 do jornal *A Notícia*, data em que o diário publicou o material referente à maior conquista da história do Joinville Esporte Clube: o título da Série B e, conseqüentemente, a vaga na elite do futebol nacional. Ainda que as investigações estejam em estágio inicial, acreditamos que a breve análise proposta já nos indica alguns caminhos e aspectos instigantes.

Futebol, Identidade e Jornalismo Esportivo

Desde a consolidação da prática esportiva como alicerce fundamental na construção da sociedade moderna, muitos indivíduos puderam se relacionar com seus semelhantes por meio das mais variadas modalidades, resultando numa confortante sensação de pertencimento, seja esta inerente ao bairro, à cidade, ao estado ou até mesmo ao país onde esses sujeitos vivem. Nesse contexto, os esportes se tornaram um ambiente fértil para as manifestações das identidades e a análise de tal cenário pelas Ciências Sociais e, mais especificamente, pela Comunicação.

Woodward (in SILVA, 2004, p.67) expressa a importância das questões identitárias na contemporaneidade, sustentando a ideia de que passamos por uma “crise das identidades”. Hall (2005) discorre sobre as identidades nacionais e sua fragmentação, o que possibilita o aparecimento de traços identitários antes condizentes a uma localidade específica em outras regiões, fenômeno classificado como “deslocamento”. Perspectiva semelhante é corroborada por Boaventura de Sousa Santos, que escreve:

Sabemos hoje que as identidades culturais não são rígidas nem, muito menos, imutáveis. São resultados sempre transitórios e fugazes de processos de identificação. Mesmo as identidades aparentemente mais sólidas [...] escondem negociações de sentido, jogos de polissemia, choques de temporalidades em constante processo de transformação, responsáveis em última instância pela sucessão de configurações hermenêuticas que de época para época dão corpo e vida

a tais identidades. Identidades são, pois, identificações em curso (SANTOS, 1994, p.31).

Se direcionarmos nossos olhares para o futebol, deparar-nos-emos com paradigmas semelhantes. Questões que se constroem tanto em uma perspectiva universal – como, por exemplo, a questão da transnacionalização das identidades futebolísticas, como pontua Antezama (in ALABARCES, 2003) –, quanto em situações mais pontuais, relacionadas aos regionalismos que podem compor uma nação. Tal pensamento dialoga com a percepção de Alabarces (1998, p.5). O sociólogo argentino acredita que a produtividade significativa do esporte “permite tanto relevar uma totalidade falsa [...] como perambular nos infinitos fragmentos das identidades regionais, locais, vicinais”³.

Pretendemos aqui centrar nossos olhares nas complexidades identitárias locais – que, simultaneamente, resultam em desdobramentos de âmbito nacional e até global. Nesse sentido, Santos (2002, p.1) aponta que, ao mesmo tempo em que o mundo globalizado tende a uma homogeneização identitária, incita o regresso ao comunitarismo, processo denominado por Woodward (op.cit, p.21) como “processo de resistência”. Esse “interesse pelo local”, conforme Hall (2005, p.79), dá-se justamente como consequência do impacto global.

Com o intuito de compreender essas instabilidades e confrontações identitárias no mundo futebolístico, Antezama (op.cit, pp.91-92) analisa a relação do aficionado por futebol com sua origem nacional e o time para o qual torce. Após dividir a identidade futebolística em “*tifosi*”⁴ (referente ao clube) e “metaidentidade” (referente à nacionalidade/selecionado nacional), Antezama conclui que a identidade clubística prevalece perante a nacional vez ou outra, o que nos leva a crer em um “redesenho” da paixão pelo clube e pela seleção nacional (TOLEDO; CAMPOS, 2013, p.126).

Levando em conta que o futebol se apresenta como um instrumento de reforço das identidades regionais (DRUMOND apud CANETTI, 2010, p.116), pôde-se acompanhar a intensificação dos laços entre clube (geralmente aqueles menores e/ou de regiões econômica, social ou futebolisticamente periféricas) com tradições das respectivas localidades. Toledo e Campos (op.cit, p.128) exemplificam tal contexto com o comportamento dos Cangaceiros Alvinegros, torcida organizada do Ceará Sporting Club. Esse grupo de aficionados leva às arquibancadas traços da identidade local, tais como o

³ Tradução minha.

⁴ De acordo com o autor, o termo é oriundo do italiano e significa “contágio febril”.

chapéu de couro e canções regionais, hábitos respaldados por um dos lemas utilizados: “orgulho de ser nordestino”.

Outro componente que auxilia na conjuntura desses fenômenos é o que Toledo e Campos denominam como “bifiliação clubística”, isto é, a paixão de um sujeito por dois times diferentes. Nas agremiações em que há um crescimento das manifestações regionalistas, os autores identificam demonstrações de repúdio pela “bifiliação”. Em outras palavras, o envolvimento com clubes de outras regiões – estes, geralmente, com maior projeção no cenário nacional – perde a virtuosidade a partir do momento em que a equipe conterrânea se torna via de explicitação da identidade local. Nesse contexto, se considerarmos que o percentual de catarinenses que torce somente para equipes do estado aumentou mais de cinco vezes entre 1999 e 2011⁵, podemos deduzir que há um crescimento do regionalismo futebolístico também em Santa Catarina.

A repulsão à “bifiliação”, resultante do regionalismo, pode ser explicada pelas tensões entre identidade e diferença, que possuem uma relação de estreita dependência (SILVA, 2004, p.75). Isso porque, conforme Silva, estabelecer as diferenças é um dos caminhos para a afirmação de uma identidade. “Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre “nós” e “eles”” (SILVA, 2004, p.83).

Silva também reflete acerca da importância da representação identitária. Conforme o autor (op.cit, pp.91-96), o processo de diferenciação depende da representação, tendo esta um caráter performático. As representações, portanto, contribuem para a produção e transformação das identidades, e não somente na descrição das mesmas. Ao considerarmos a mídia como uma via de representação, acreditamos que a cobertura esportiva possui papel de destaque na demarcação identitária. Importância que foi acentuada, nos últimos anos, graças ao aumento da espetacularização das produções jornalísticas esportivas, buscando atrair novos e se aproximar ainda mais dos antigos receptores.

Entre os artifícios pelos quais a mídia esportiva busca essa proximidade, destaca-se a oralidade⁶, a saber, a sensação de diálogo ocasionada no receptor. Graças à oralidade, os veículos especializados recorrem a uma simbologia familiar ao público. Isto é, busca-se retratar o ocorrido através de expressões, associações e sentimentos que representem os aficionados. Ao analisar o gênero “mesa redonda” – que, deve-se mencionar, talvez seja o

⁵ Pesquisa desenvolvida pela empresa Lupi & Associados, encomendada pelo Grupo RBS. Alguns dados podem ser encontrados em: < <http://cacellain.com.br/blog/?p=19991> > (Acessado em 20 de março de 2016).

⁶ Ver Mello (2015b, pp.102-110).

formato mais propício para tal artifício –, em sua tese doutoral, Toledo (2000, p.234) vê na oralidade um “instrumento retórico para alcançar o público”. Tal característica, bastante evidente nos textos de dois dos maiores ícones do jornalismo esportivo tupiniquim, os irmãos Mário Filho e Nelson Rodrigues, parece ganhar força novamente, respaldada pelas arestas do entretenimento.

A vista do que foi exposto neste item, notamos a inserção do jornalismo esportivo e seu papel transformador nas identidades futebolísticas. Identidades que vêm se transformando e interagindo cada vez mais com as particularidades identitárias da localidade de cada clube. Por conseguinte, cremos que tais processos acabam por se tornar um objeto que merece atenção, tanto pela questão da construção narrativa de tais identidades quanto pelas manobras que a imprensa utiliza para construí-las.

Delimitações Metodológicas

Justamente por essas tensões entre futebol, identidade e imprensa que entendemos que os clubes catarinenses são um objeto de pesquisa bastante fecundo. Nos últimos anos, Santa Catarina vem logrando avanços futebolísticos muito significativos. Resultados obtidos por agremiações que representam quase todas as principais cidades do estado, tendo estes municípios um grau considerável de semelhança demográfica, ou seja, não existindo uma metrópole que exerça forte influência nos demais. Nesse contexto, o estado barriga-verde acaba por se tornar um ambiente particular em território brasileiro. Considerando um possível afastamento entre o brasileiro e o estrangeiro, um provável aumento dos regionalismos no futebol e a inserção de uma imprensa esportiva nacional cada vez mais ‘espetacular’ nesse cenário revolto; analisar a forma como veículos impressos de circulação local e nacional representam os times catarinenses pode render bons frutos.

Para tanto, propomos uma pesquisa dividida em três etapas: a) observar como a mídia impressa de Chapecó, Criciúma, Florianópolis e Joinville representa o(s) clube(s) e o torcedor da(s) equipe(s) local/locais⁷; b) averiguar como a mídia impressa das cidades acima referidas representa as equipes e os torcedores dos outros quatro (ou três, no caso de Florianópolis) times estaduais aqui analisados; c) investigar como os jornais do eixo Rio-São Paulo representam os cinco grandes catarinenses e seus aficionados.

⁷ Isso porque Avaí e Figueirense estão contidos na mesma cidade.

Partimos da hipótese de que esses veículos locais constroem narrativas divergentes entre si, tanto na exposição das características inerentes à identidade local quanto na identificação do rival estadual como sua alteridade. Em outras palavras, temos a suposição de que a imprensa esportiva das quatro cidades mencionadas evidencia os aspectos singulares de cada equipe e sua respectiva torcida, elevando o grau de distinção entre elas. Alheio a isso, cremos que os jornais mais importantes do centro futebolístico nacional⁸ retratam o torcedor barriga-verde de forma distorcida, muitas vezes estereotipada, relevando as especificidades de cada agremiação e, conseqüentemente, da região onde cada pavilhão está localizado.

Compõem o corpus quatro jornais de âmbito local – *Diário do Iguazu* (Chapecó), *Jornal da Manhã* (Criciúma), *Diário Catarinense* (Florianópolis) e *A Notícia* (Joinville) – e quatro de relevância nacional – *Folha de S. Paulo*, *Estado de S. Paulo*, *Lance!* (edições carioca e paulista) e *O Globo*. Nestes, obviamente, debruçar-se-á nos textos (matérias noticiosas, crônicas, artigos de colunistas...) sobre os times supracitados. Enquanto nos jornais locais investigaremos conteúdos condizentes ao time da cidade e aos rivais estaduais – o que classificamos como ‘a si’ e ‘ao outro’, respectivamente –, nos diários do eixo Rio-São Paulo, obviamente, será observado de que maneira os torcedores catarinenses são registrados.

No que tange as dimensões do recorte, estabelecemos períodos diferentes para os veículos regionais e para os diários do eixo Rio-São Paulo. Quanto aos jornais catarinenses, serão analisados exemplares veiculados entre 1º de janeiro de 2009 e 31 de dezembro de 2017. Acreditamos que tal espaço de tempo é extremamente pertinente, pois abarca êxitos e insucessos das agremiações abordadas⁹, o que pode dar luz às narrativas explicitadas em tais momentos-chave. Evidentemente, será dada maior atenção aos materiais referentes a momentos pré e pós-jogo (contra rivais estaduais ou qualquer outro oponente), já que são nessas ocasiões que a cobertura esportiva se intensifica e recebe mais espaço em meio às páginas. Por fim, no que diz respeito às publicações cariocas e paulistas, tem-se como recorte os anos de 2014 e 2015. Esses dois anos abrangem participações dos cinco grandes

⁸ Embora não estejam incluídos no recorte da presente proposta, Porto Alegre e Belo Horizonte também podem ser inseridos no eixo dominante do futebol brasileiro.

⁹ Nesse período, até o presente momento, o Avaí vivenciou três títulos estaduais, dois acessos à Série A e dois descensos à Série B; Chapecoense: duas vezes campeão catarinense, três acessos (um à Série C, um à Série B e um à Série A) e um rebaixamento à segunda divisão do estadual (não concretizado graças à desistência do Atlético, de Ibirama, da edição do ano seguinte); Criciúma: um título catarinense, dois acessos (um à Série B e outro à Série A) e um rebaixamento para a Série B; Figueirense: bicampeonato catarinense, dois acessos à Série A e um descenso à Série B; Joinville: campeão das séries C e B, um acesso à Série A, um rebaixamento e a época ‘sem divisão’, quando não disputou nenhum campeonato nacional.

na elite do futebol brasileiro, com ênfase para o último, quando quatro deles disputaram o certame. Logo, cremos que são suficientes para o cumprimento dos objetivos.

Para a execução deste projeto de pesquisa, optamos por utilizar dois procedimentos metodológicos principais. Em primeiro lugar, será desenvolvida uma revisão histórica e, em seguida, as análises serão executadas através da Análise Crítica da Narrativa, proposta por Motta (2013).

No que diz respeito ao primeiro método citado, pretendemos expor um apanhado da história de Santa Catarina, com ênfase nas questões sociais, políticas, econômicas e, também, na trajetória do futebol e da imprensa esportiva no estado. Para isso, será necessária uma exaustiva pesquisa bibliográfica sobre os temas referidos, principalmente aquelas obras que evidenciem as particularidades e contextos das quatro cidades englobadas no corpus. Tal etapa, conforme Motta, é fundamental para que se compreenda as estratégias narrativas adotadas pela mídia: "As narrativas só existem em contexto e para cumprir certas finalidades situacionais, sociais e culturais, não podem nunca serem analisadas isoladamente sob pena de perderem o seu objeto determinante" (2013, p.77). Portanto, será crucial para dimensionar a evolução do futebol catarinense e sua importância nas conjunturas locais e o papel da imprensa desses municípios no decorrer desse processo.

Com relação à Análise Crítica da Narrativa, acreditamos que, através dela, os objetivos aqui propostos serão atingidos. Isso porque os traços identitários dos torcedores de futebol são construídos/retratados pela imprensa por meio de narrativas, sendo estas compostas por uma série de dispositivos discursivos e argumentativos astuciosamente escolhidos para que se transmita o sentido desejado (MOTTA, 2013, p.94). Sendo assim, o referido procedimento metodológico nos fornecerá respaldo necessário para analisarmos as manobras adotadas pela mídia para concretizar uma aproximação com o aficionado-receptor e, ao mesmo tempo, demarcar as alteridades.

Futebol e Jornalismo Esportivo em Joinville: Alguns Apontamentos

Tendo em mente o aumento da aproximação entre imprensa esportiva e entretenimento e os adventos da oralidade, os veículos de comunicação que destinam espaço parcial ou total ao esporte intensificaram a representação dos torcedores, ou pelo menos começaram a representá-los mais explicitamente. Para aqueles que torcem por agremiações do centro futebolístico do país – e aqui nos referimos somente ao eixo Rio-São

Paulo –, tais estratégias podem ser vantajosas para os *media*. Contudo, suspeitamos que algumas das demais localidades sofrem com a construção de retratos que não ilustram, às vezes nem de perto, a realidade. Para que tal hipótese seja mais bem detalhada, observemos um dos clubes mais tradicionais de Santa Catarina: o Joinville Esporte Clube, popularmente conhecido como JEC.

Fundado em 1976, logo em seu primeiro ano de existência, a agremiação tricolor logrou a hegemonia estadual. Viveu seu melhor momento entre o final da década de 1970 e 1987. No referido período, foi octacampeão do estado e acumulou onze participações seguidas na primeira divisão do Brasil, tendo como melhor resultado um oitavo lugar em 1985. Façanhas que, porém, jamais foram repetidas: de lá para cá, o Joinville acumulou graves crises administrativas e poucos êxitos dentro de campo, perdendo parte do prestígio que alcançara.

Por ter conquistado o título da Série B em 2014, o clube do Norte catarinense ganhou o direito de disputar a Série A de 2015 – com Avaí, Figueirense e Chapecoense, chegando ao número expressivo de quatro equipes de Santa Catarina na elite do futebol nacional. Com o retorno à divisão principal do Brasil, o JEC se tornou uma pauta atrativa aos meios de comunicação locais, regionais e, também, nacionais.

O redirecionamento de alguns holofotes para Joinville, atrelado aos adventos da oralidade, ocasionou tentativas de representar o torcedor joinvillense, ou, mais amplamente, os habitantes de Joinville. Uma delas – que, mesmo sendo uma peça publicitária, merece ser tomada como exemplo – foi em um comercial do canal por assinatura PFC¹⁰¹¹. A peça mostra o ator Marcos Veras sentado à mesa com uma família composta por cinco pessoas. Cada uma delas torce por um dos cinco principais escudos do estado. Desprezemos a remotíssima probabilidade de tal cenário representar o real e foquemos nas falas dos personagens. Em determinada parte do vídeo, Veras diz que “Só no Premiere, o seu time” e, nisso, uma das integrantes da família interrompe o comediante e pronuncia a seguinte frase: “tais tolo?!” A personagem, curiosamente, veste a camisa do JEC. Curioso porque, na verdade, tal expressão remete ao sotaque florianopolitano.

Para que se possa compreender a dimensão de tal gafe, transcrevo a seguir o trecho de uma das mais emblemáticas e polêmicas narrações da história do jornalismo esportivo joinvilense. Em 21 de fevereiro de 2010, JEC e Avaí decidiam o título do primeiro turno do

¹⁰ Sigla que significa Premiere Futebol Clube.

¹¹ Não encontrei o vídeo disponível em um link exclusivo. No entanto, pode-se acessá-lo através deste link: <<https://www.youtube.com/watch?v=tQyiBJBDAwU>> (Acessado em 22 de março de 2016). A peça aparece entre 45:57 e 46:27.

campeonato estadual daquele ano. Os avaianos venciam por um gol a zero até o último minuto de jogo, quando Ricardinho marcou e tornou o Tricolor campeão. O narrador da 89FM, Charles Fischer, narrou o tento da seguinte maneira: “Explode a Arena! É JEC, porra! Aqui não, *manezinho!* Aqui não, *manezinho!*”¹² (grifos meus). Mesmo se isentarmos a parcialidade descarada e o perfil caricato de Fischer, o trecho acima mostra que aquela vitória, alcançada no último instante do confronto, simbolizava uma vitória ante Florianópolis, cidade pela qual os joinvilenses sempre nutriram certa rivalidade.

Outro caso bastante repercutido entre a torcida jequeana ocorreu no programa Fantástico, da TV Globo¹³. O cavalo que a representa na ‘corrida’ do campeonato nacional, no dia 21 de junho de 2015, ganhou voz. E, em uma de suas falas, o simpático personagem utiliza a expressão “piá”. Outro erro, pois tal termo diz respeito, entre outras localidades, ao Paraná. Mesmo se ponderarmos que a Manchester catarinense recebeu milhares de paranaenses no decorrer da década de 1980, “piá” não está inserido no vocabulário joinvilense.

Embora não tenhamos a intenção de isentar os responsáveis de tais equívocos, devemos ressaltar que essas falhas também podem ser justificadas pela complexidade da identidade do joinvilense, tanto na sua autoidentificação quanto em sua inserção dentro de um contexto estadual. Coelho (2011) busca solucionar alguns paradigmas identitários da maior cidade de Santa Catarina. Em suma, a pesquisadora expressa que os traços e as tradições germânicas¹⁴ ainda perduram graças a discursos provenientes dos mais variados setores da sociedade – dentre eles, a imprensa. De certa forma, as especificidades germânicas se sobressaem perante outras práticas culturais que, talvez, sejam mais representativas. Então deparamo-nos com um dilema: como os meios de comunicação de outras regiões – de outras cidades catarinenses e de outros estados brasileiros – podem representar os joinvilenses se nem os próprios o fazem com destreza?

A implicação exposta acima também se reflete no futebol. Até 1976, Joinville contava com duas equipes exitosas nos certames catarinenses. Estas protagonizavam uma rivalidade acirrada, nos moldes elite (América Futebol Clube) *versus* povo (Caxias Futebol Clube), muito comum na formação dos grandes clássicos futebolísticos não só no Brasil, mas, também, na América do Sul¹⁵. Naquele ano, porém, as agremiações resolveram unir

¹² Narração disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=eOK-bUM5LNQ>> Acessado em 14 de junho de 2016.

¹³ Não consegui encontrar um link para este vídeo. Contudo, tenho o material em meu acervo.

¹⁴ Suíços e alemães, nesta ordem, foram os principais imigrantes da então Colônia Dona Francisca, na metade do século XIX.

¹⁵ Para uma noção mais ampla sobre o tema, ver Rinke (2007,).

seus departamentos de futebol profissional¹⁶, dando vida ao Joinville Esporte Clube. A partir daí, contrariando as premissas de alteridade, o clube tricolor tomou forma sem uma grande rivalidade. Ao abordar a violência nas práticas esportivas, Alabarces (1998, p.11) enumera como uma das explicações para comportamentos violentos os "enfrentamentos clássicos entre rivais pela disputa de uma supremacia simbólica"¹⁷. Levando em conta o fato de que os episódios mais violentos envolvendo torcedores jequeanos são decorrentes de conflitos com marcilistas, avaianos e alvinegros¹⁸, podemos supor que tais episódios transcendem o desporto, atingindo a esfera social, por simbolizar duelos por uma pretensa hegemonia regional (no caso de Itajaí) e estadual (no caso de Florianópolis).

Ratificamos que a heterogeneidade identitária verificada no futebol catarinense não isenta a responsabilidade dos meios de comunicação em casos como os expostos anteriormente. Os receptores, embora não absorvam o sentido transmitido na mensagem midiática em sua totalidade, são influenciados por ela, como expressam Brinati e Mostaro:

[...] é igualmente certo que as visões de parcelas significativas da opinião pública em sociedades altamente midiáticas – como a brasileira, por exemplo – são, em alguma medida, influenciadas pelos enquadramentos utilizados pelos veículos de comunicação ao tratarem de determinada questão. (BRINATI; MOSTARO, 2013, pp.1-2).

Associado ao pensamento de que o conteúdo jornalístico serve de base para a sociabilidade entre os aficionados por esporte (MACHADO DA SILVA apud TOLEDO, 2000, p.275), a transcrição exposta acima dimensiona a influência das representações midiáticas do futebol brasileiro.

Para que possamos elucidar alguns caminhos que deverão ser percorridos ao longo da investigação, analisamos a edição de *A Notícia* do dia 1º de dezembro de 2014. Escolhemos este exemplar por retratar a maior conquista jequeana: o título de campeão brasileiro da Série B, que possibilitou o retorno tricolor à elite nacional em 2015. Embora os jornalistas do referido diário não adotem postura apaixonada pelo Joinville Esporte Clube, podemos encontrar algumas lacunas.

Seguindo os padrões de análise que serão utilizados no decorrer da pesquisa, é necessário averiguar se há algum tipo de referência aos outros quatro grandes do estado. Na mesma data em que o Joinville se sagrou campeão, o Avaí garantia a vaga na Série A do

¹⁶ Não podemos considerar uma fusão, visto que os clubes continuaram – e ainda continuam – ativos, mesmo que somente no amadorismo.

¹⁷ Tradução minha.

¹⁸ Torcedores de Marcílio Dias (de Itajaí), Avaí e Figueirense, respectivamente.

ano seguinte. O acesso avaiano, entretanto, não recebeu qualquer tipo de espaço em *A Notícia*. Somente na coluna “Ponto de Vista”, de João Antônio Baço (2014, p.2), a agremiação florianopolitana é citada. A referência, mesmo que de forma sucinta, é um vestígio que merece atenção: Baço menciona o clube ilhéu como um oponente, tornando qualquer adulação impossível. Isso evidencia, mesmo que indiretamente, a rivalidade entre as duas agremiações, resultando em enorme cautela na hora de se referir ao feito do rival (sobretudo em dia de título para o JEC). Pode-se supor, também, que a postura cautelosa e a ausência de matérias sobre o acesso avaiano estão aliadas à editoria do diário, já que *A Notícia* pertence ao Grupo RBS, que possui dois jornais na capital catarinense (*Diário Catarinense* e *Hora de Santa Catarina*).

No que diz respeito à cobertura de *A Notícia* sobre o título tricolor, de maneira geral, tanto nas matérias quanto nas colunas e artigos de opinião, os profissionais do veículo mantêm certa sobriedade na descrição da partida contra o Oeste e na festa pós-título. Traçam perfis dos principais personagens e destinam um amplo espaço às imagens que retrataram a festa tricolor. Contudo, podemos identificar algumas pistas importantes. A principal delas é a autoidentificação dos jornalistas responsáveis pelos esportes como torcedores do JEC. Eles, nitidamente, se inserem na comemoração; na tensão antes do apito final e nas demais emoções sentidas pelos aficionados jequeanos no desenrolar dos acontecimentos. Tal posicionamento fica ainda mais evidente quando se repara nas fotos dos jornalistas que escreveram sobre o título do JEC: os profissionais vestiam camisas do Joinville. Pode-se entender tal postura como uma maneira, mesmo que discreta, de inseri-los (jornalistas e veículo) como joinvilenses, como tricolores e, conseqüentemente, como semelhantes.

Comparando as duas posturas (‘para si’ e ‘para com o outro’), mesmo que com a análise de somente uma edição e de um diário, podemos tecer algumas reflexões. Em minha pesquisa de Mestrado¹⁹, levantei a hipótese de que o jornalismo esportivo se aproxima muito mais do entretenimento e dos mecanismos de oralidade quando se fala do seu ‘similar’. Isso pode ser explicado porque, talvez, amolecer as arestas da objetividade ao retratar algo que agrada a maioria esmagadora do público-alvo é uma estratégia muito mais segura. Nesse sentido, os jornais locais têm, ao que nos parece, uma tarefa muito mais fácil. Em um espectro mais amplo, tal argumento pode ser verificado em partidas de equipes

¹⁹ Ver Mello (2015b),

brasileiras contra agremiações estrangeiras, ou nas transmissões de confrontos do escrete tupiniquim.

A vista do que foi exposto no último parágrafo, podemos identificar o que pode ser denominado como ‘parcialidade às avessas’, isto é, a necessidade de um determinado veículo jornalístico demonstrar envolvimento afetivo por determinado clube – algo que, ao que nos parece, é muito mais frequente em locais futebolisticamente periféricos. ‘Às avessas’ porque tal comportamento pode causar distorções na função do jornalista esportivo e no entendimento de tais responsabilidades pela audiência. Podemos ilustrar tal cenário com o seguinte exemplo: Fulano, torcedor do time A, critica Beltrano, jornalista de um veículo da mesma cidade do time A, porque o profissional apontou uma série de problemas no desempenho de A em uma partida. Critica-o porque o time A venceu e, no entendimento de Fulano, Beltrano está querendo prejudicar o clube para o qual torce. Ou seja, Fulano associa a opinião de Beltrano (que está simplesmente desempenhando seu papel que, neste caso, é analisar a atuação do time A) a uma demonstração de falta de envolvimento com o time A, que, lembremos, é o clube da cidade onde está sediado o veículo no qual Beltrano trabalha. Neste exemplo, Fulano passa a considerar o envolvimento afetivo de Beltrano com o time A (o que podemos chamar de parcialidade, prática condenada pelos manuais de jornalismo esportivo) como uma virtude, ocasionando uma inversão de valores.

Evidentemente, as últimas suposições explicitadas ainda precisam passar por mais verificações. Mas, mesmo nos primeiros passos, temos a convicção de que esta pesquisa poderá, no mínimo, contribuir para a consolidação da pesquisa acadêmica sobre o jornalismo especializado em esportes.

Referências

ALABARCES, P.. ¿De qué hablamos cuando hablamos de deporte?. **Nueva Sociedad**, Buenos Aires, n.15, pp.74-86, 1998.

ANTEZAMA, L. H. J.. Fútbol: espectáculo e identidad. In: ALABARCES, P. (Org.). **Futbologías: Fútbol, Identidad y Violencia en América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2003.

BAÇO, J. A.. O campeão na elite. **A Notícia**. Joinville, p.2, 1º dez. 2014.

BRINATI, F. Â.; MOSTARO, F. F. R.. **Futebol, Mídia e Representação: A Seleção Brasileira pelos sites R7 e Globo Esporte nas Olimpíadas de Londres 2012**. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 36., Manaus, AM, 2013.

CANETTIERI, T.. A importância do futebol como instrumento da geopolítica internacional. **Revista de Geopolítica**, Ponta Grossa, PR, v.1, n.2, pp.116-128, 2010.

FAVERO, P. M.. **Os donos do campo e os donos da bola**: alguns aspectos da globalização do futebol. Dissertação (Mestrado). 117f. Universidade de São Paulo – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2009.

HALL, S.. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

MELLO, M. S.. **Futebol moderno versus futebol romântico**: o esporte como materialização do Estado Nacional. CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 16., Joinville, SC, 2015.

MELLO, M. S.. **Hermanos y cercanos, pero no mucho**: estudo comparativo entre os jornais Lance! e Olé durante a cobertura da Copa do Mundo de 2014. Dissertação (Mestrado). 219f. Universidade Federal de Santa Catarina – Programa de Pós- graduação em Jornalismo, Florianópolis, SC, 2015.

MOTTA, L. G. F.. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: Editora da UnB, 2013.

ORTIZ, R. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

RINKE, S. ¿La última pasión verdadera? Historia del fútbol en América Latina en el contexto global. **Iberoamericana**, Madri, v.2, n.27, 2007.

ROJAS TORRIJOS, J. L.. **Bases para la formulación de un libro de estilo de última generación**. Construcción de un modelo teórico válido para los medios deportivos escritos y digitales en lengua española. Tese (Doutorado). 501f. Universidad de Sevilla – Facultad de Comunicación, Sevilla, 2010.

SANTOS, B. S.. Modernidade, identidade e a cultura de fronteira. **Tempo Social**; Rev. Social, São Paulo, n.5, pp.31-52, 1994.

SANTOS, B. S.. **Os processos da globalização**. 2002. Disponível em: <<http://www.eurozine.com/pdf/2002-08-22-santos-pt.pdf>> (Acessado em 25 de novembro de 2015).

SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

TOLEDO, L. H.. **Lógicas no Futebol:** dimensões simbólicas de um esporte nacional. Tese (Doutorado). 322f. Universidade de São Paulo – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2000.

TOLEDO, L. H.; CAMPOS, F.. O Brasil na arquibancada: notas sobre a sociabilidade torcedora. **Revista USP**, São Paulo, n.99, 2013.